

CAOS: o retorno do forcluido social **4**

Arnaldo Domínguez*

A tragédia da vida contemporânea parece-me situar-se na atitude de rejeição aos vínculos sociais que se acentua no comportamento dos indivíduos, onde o gozo parece estar a deriva da civilização imposta pela palavra, exicgindo uma resolução imediata e desrespeitando, de tal modo, as leis que regem o desejo.

Um gozo imediato e sem desejo que só pode precipitarmos na destruição. Um gozo quase sem a necessidade da existência do outro, con-vene o corpo numa máquina de prazer sem nenhuma significação possível.

Sem vínculos não há outro e sem significação não há lugar para outro; esse outro é um lugar: o lugar do objeto. E sem este, não há como encontrar uma economia do gozo, na ausência da qual, reduzímo-nos a um puro organismo animal, isto é, um ser tão falante.

Quero dizer, perdida a possibilidade discursivo que permite-nos estabelecer os vínculos sociais e a significação do verbo, por exemplo, amar ou existir com alguma ilusão que dê sentido, instaura-se o CAOS.

* Médico especializado em Psicanálise. Coordenador do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero nas Minorias Sexuais da SBRASH.

Consequentemente, o sofrimento existencial extirpado do discurso torna-se um sofrimento narcísico, e é narcísico por que ignora o desejo a faz a vida perder o seu valor, portanto é da ordem da Pulsão de Morte.

Paradoxalmente, o discurso capitalista conjuntamente com o discurso da ciência ou da religião, etc” apontam em direção do ideal de um objeto prometedora do gozo, da panacéia ou da vida eterna, fácil de ser adquirido, inclusive, a prazo, pois os anúncios nos seduzem com um: **GOZE AGORA E PAGUE DEPOIS.**

Uma espécie de inferno de gozo sem limites, onde estes se introduzem apenas pelas leis dos sistemas de projeção ao critério ou pela morte dos corpos.

É curioso que nos habituamos melhor a inadimplência das dívidas externas do que as das simbólicas. Suportamos estoicamente corrupções várias e até holocaustos, parecendo não haver ali limites para o devir perverso.

No entanto, na clínica insistentemente atribuímos o rótulo da perversão ao outro que goza diferente, como se de fato o neurótico estivesse convencido de que o perversor é o único que consegue gozar.

E nós, os analistas, num movimento de inversão da demanda, passamos a lhes demandar um tratamento, chegando inclusive a disputá-los como se fossem um objeto ou elevando-os à categoria de objeto.

E elevando seus sintomas à dimensão de signo, freqüentemente ignorando sua dimensão significativa.

O perversor é o outro, no discurso do cientista normatizador ou do legislador em prol da moral ou bem supremo platônico. Por exemplo, aquele que corrompe o discurso dominante ao inverter os papéis. Sejam os papéis de gênero, as normas da genitalidade, ou até a biologia propriamente dita, como se tal existisse nos seres falantes que nós somos.

É preciso reconhecer os perversos. Identificá-los nomeá-los e estudarmos as causas de suas patologias, que iremos procurá-las na química, na anatomia e nas dinâmicas das inter-psicologias familiares.

Talvez na expectativa de, em se encontrando as causas, poderemos regulamentá-las. (A medicina só se ocupa da vida ou do gozo para isto).

Porém, quando o discurso científico se direciona a procura das causas dos fatos, parece-me que vai no sentido contrário a tais fatos falados, impedindo que se crie (que o sujeito crie) um nome mais próprio para si.

“Eu sou homossexual”, diz o cliente ao se nomear, como se tratara-se de um nome assumido para o outro ou como se referindo a uma sina do sujeito. Quiçá como uma resposta ao discurso dominante que existe uma resposta que preexiste ao ser.

O heterossexual não se nomeia nem quando questionado numa língua-em-objeto. como se o anonimato o isentasse do desvio do risco de que tanto tem se falado. Como se a heterossexual idade fosse um antídoto contra a perversão.

Provavelmente o caminho percorrido desde a caça às bruxas, passando pelas prisões e hospícios e desembocando nas clínicas psicológicas nos centros de referência da AIDS, finalmente estimularam os ditos “homossexuais” a organizar-se em militância e a construir um discurso político que lhes garantisse a existência social, adquirindo assim o direito de inscrição na linguagem. Algo do tipo entrar pela porta principal da cadeia dos significantes e não mais pela porta dos fundos.

Mas ao atravessar tal porta, denominada “ liberation”, sofreram o interdito como todo ser falante. Mesmo que a intenção fosse questionar os imperativos do discurso dominador, aquele que, escravo do discurso da ciência, lhe dizia: Não é assim que se goza! E nas entrelinhas, - Gozo de verdade é o meu.

Disseres que situam o terapeuta no lugar do amo com o status do modelo de identificação, mediante o qual, por intermédio da estratégia da sugestão, tera a dependência eterna do cliente e operacionaliza a extirpação do gozo desviante.

Um lugar de voyeur que tudo-sabe. O lugar do pai. Pêre (Pai) Version (Versão).

Entretanto, os “amores perversos- que durante tanto tempo não diziam seu nome, não falavam, instaram a que deles se falasse. E muito! Transformando-se em uma espécie de objetos pulsionais que fizeram os cientistas falar e falar, quase sem parar.

Quem poderia acreditar que o beneficiário final fosse aquele que até então era o “estrangeiro” do discurso, vítima da ciência segregacionista que ajudou a sociedade a se comportar cada vez mais segregativa. Herança da razão iluminista que fez do capitalismo um instrumento apontado na direção do progresso, todos co-responsáveis pela criação dos sujeitos excluídos, desarticulados do significante, para que o recurso de entrada na língua como seres humanos foi-lhes negado. só lhes restando os caminhos da morte ou de modo de vida tal (marginal) onde desenvolvem-se mecanismos alternativos para sobreviver e para remediar à dor de uma existência insuportável.

Uma vida ficcional que possa enganar o promotor do discurso da norma e assim proteger-se do castigo, encarado aqui, possivelmente, como ameaça de castração.

Mas finalmente, apropriaram-se de um discurso, ou, como disse, adentraram na língua e isto implica em sujeitar-se as regras da linguagem, absorvendo-se das convencionais idades e introduzindo os fonemas secretos que haviam sido criados como códigos de comunicação “out-siders”.

Revelado o segredo, o sujeito esta exposto ao público e neste momento a ética do discurso o assujeita e o faz perder a possibilidade de dizer tudo (ou de ocultar tudo), descobrindo que isto era apenas uma ilusão da semiótica do gueto, onde apenas um olhar é suficiente para vislumbrar-se na penumbra a imagem do “petit-a”.

Mas o ingresso do excluído à civilização imposta esta palavra, dá-se num contexto social que negligencia os vínculos, pois encontra-se desviada no sentido de um gozo imediatista no conjunto de objetos elevados à condição da coisa. (Ou como a promessa de preencherem a falta).

Estando os indivíduos escravizados ao imperativo capitalista do gozo. (O sonho de todo empresário é inventar um produto sem o qual ninguém possa passar!) Como mencionei, máquinas mortíferas movidas a álcool... ou a cocaína ou a antidepressivos, etc. (como já disse a psicanalista Susana Palacios, da Escola da Causa Analítica).

Se tal ingresso foi estimulado pela desalienação do sujeito ou pelo impulso-HIV, uma vez integrados ao discurso, não faz muita diferença, pois de um modo ou de outro, acabarão por perceber o engodo.

Compreender-se-ão como mais uma vítima da tragédia contemporânea, que não é necessariamente a AIDS (embora a AIDS seja uma tragédia), e sim o Mal Estar da Cultura, ou poderíamos sugerir a Perversão do discurso dominante, pois este está intoxicado, à procura de objetos transacionais que acalmem a dor e propiciem um gozo imediato. (Um gozo outro)

Objetos que poderíamos denominar, sem o receio de estarmos exagerando, como DROGAS.

E o forcluido para mais além das bordas sociais, retorna reintrojetando-se e provocando um novo tipo de caos, que os psiquiatras (provavelmente por influência direta da indústria Farmacêutica), codificaram sob o rótulo de DEPRESSÃO, dividindo-a inclusive, em exógena e endógena, utilizando os conceitos de dentro e fora, talvez para negarem o que já foi dito como: inibição, sintoma e angústia.